

---

# Universidades Biblioteca Ideal Investigação Científica O caso da Economia Política

CARLOS PIMENTA

Faculdade de Economia, Universidade do Porto

**A**s bibliotecas são complexos conjuntos de bases de dados que remontam a uma época em que um dos principais tipos de dados utilizados no trabalho intelectual eram as ideias produzidas anteriormente e que assumiam a forma escrita, estavam registadas em documentos. Os livros constituíam então as mais completas e coerentes bases de dados de ideias.

Os livros e as bibliotecas têm outras dimensões sociais que ultrapassam, ou reforçam, a realidade anteriormente referida: pólo difusor de cultura; espaço de encontro e diálogo, objecto promotor de afectividade. Mas tal facto não invalida o anteriormente afirmado, interessante para se perceber as evoluções possíveis que as bibliotecas poderão vir a assumir, as alterações que é conveniente introduzir no funcionamento das bibliotecas universitárias para que elas continuem a assumir o seu

importante papel no ensino e na investigação.

Nas últimas décadas o progresso tecnológico transformou radicalmente a estrutura e forma de funcionamento das instituições organizadoras de informação, essas históricas bases de dados. A gravação sonora e visual permite captar muitas novas informações e conservá-las para o futuro; a informática e o registo magnético potencializa as capacidades de conservação da informação. Estes diversos tipos de registo de informação articulam-se. As comunicações permitem o intercâmbio de informações e documentos a grande velocidade.

Se atendermos puramente a estes aspectos técnicos não será difícil imaginar alguns cenários de evolução possível.

Um primeiro cenário aponta para as bibliotecas universitárias não poderem continuar a ser uma base de dados assente em livros, revistas e

publicações de informação estatística, porque a informação que a actividade intelectual hoje exige passa também pela fotografia, pelo vídeo, pelo disco, pelos suportes magnéticos de diversos tipos e com muitas e diversificadas informações (imagem, dados numéricos, texto, som, programas, etc). Tenderão a passar de bibliotecas para infortecas, se é permitido usar esta designação.

**As bibliotecas são complexos conjuntos de bases de dados que remontam a uma época em que um dos principais tipos de dados utilizados no trabalho intelectual eram as ideias produzidas anteriormente e que assumiam a forma escrita, estavam registadas em documentos. Os livros constituíam então as mais completas e coerentes bases de dados de ideias.**

Esta vertente permitirá as bibliotecas irem ao encontro das necessidades pedagógicas (onde a imagem assume uma importância crescente) e de investigação.

Um segundo cenário é o corolário do anterior. Ao serem um repositório de informação muito diversificada têm de encontrar novas formas de organização, novas metodologias de funcionamento. O arquivo da informação existente, a localização desta e a sua disponibilização deve ser estruturada de outra forma e permi-

tir um quase imediato acesso por parte do utilizador. Para além de local de arquivo e de consulta pode vir a ser um local aprazível de convívio, de tertúlia, de germinar de ideias novas.

Talvez não baste ser uma instituição onde se deposita a informação mas também a deva procurar activamente: registar em vídeo aulas e conferências, trabalhos de pesquisa e seminários; organizar bases de dados que auxiliem o trabalho do utilizador.

Um terceiro cenário tem a ver com o desenvolvimento das comunicações. Cada vez mais consultar uma biblioteca é consultar todas as bibliotecas do mundo, todas as bases de dados construídas e colocadas à disposição do público.

Nesta estrita perspectiva poder-se-á mesmo dizer que a tendência futura será identificar consultar uma biblioteca com o ligar o computador em qualquer local e fazer uma ligação à biblioteca que se deseja. A leitura de qualquer dado, incluindo das páginas de um livro, é feita no visor, a procura de ideias faz-se por uma simples operação de lógica matemática e de palavras-chave.

### **Contradições de evolução**

De um ponto de vista tecnológico a identificação entre acesso ao computador e acesso às bibliotecas é perfeitamente possível, assim como o

é a total modificação interna destas. Do ponto de vista de operacionalidade, de custos, de eficácia de procura, todas estas possibilidades abertas pela microinformática e pelas comunicações são válidas. Poder-se-ia dizer que os obstáculos seriam ínfimos em relação às tendências de evolução e às vantagens: necessidades actuais de elevadas verbas de investimento (compensadas, hoje, pelo aumento de eficácia e, futuramente, por redução das despesas de funcionamento); espaços concebidos para outras funcionalidades, generalização dos conhecimentos de informática; diferente formação do pessoal afecto a esses serviços; superação da inevitável resistência à mudança.

Mas a consideração das questões técnicas não é suficiente.

Em primeiro lugar porque elas são consequência e causa da correlação de forças internacional, uma das manifestações do poder de uns sobre os outros, do agravamento das diferenças económicas, sociais e culturais entre os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos, entre os mais desenvolvidos e os menos desenvolvidos.

Em segundo lugar porque o processo tecnológico faz-se num contexto social, num conjunto de relações complexas. O desenvolvimento das forças produtivas molda o funcionamento das sociedades, e as autonomias relativas das bibliotecas, da universidade e da investigação

não são suficientemente fortes para fugir a essas macrotendências.

As forças produtivas só actuam através de uma malha de relações sociais, as quais contêm em si tendências de evolução contraditórias, as quais moldam as formas e conteúdos da estrutura tecnológica. As especificidades da dinâmica universitária, os multifacetados padrões culturais da civilização ocidental, a actual complexidade e mudança da situação internacional, são outras tantas vertentes das relações sociais moldadoras da evolução das bibliotecas, incluindo as universitárias.

**Um primeiro cenário aponta para as bibliotecas universitárias não poderem continuar a ser uma base de dados assente em livros, revistas e publicações de informação estatística, porque a informação que a actividade intelectual hoje exige passa também pela fotografia, pelo video, pelo disco, pelos suportes magnéticos de diversos tipos.**

Existem tendências explicitáveis mas elas são contraditórias.

Por um lado a abundância e facilidade de acesso à informação tenderá a reforçar o confronto de ideias, a tertúlia, o debate democrático e descomplexado entre as diversas correntes do pensamento científico, particularmente importantes em áreas disciplinares de forte con-

flituralidade interna. Por outro germinam as tendências isolacionistas e de ruptura da comunicabilidade humana directa imposta pela escassez do tempo e pela facilidade das comunicações. Novas formas de comunicação e de troca de ideias e saberes nascerão, mas o seu figurino não é claro.

Por um lado a importância da informação nos processos de aprendizagem, e não só, é manifesta. Por outro a crescente escassez das capacidades psicofisiológicas associadas à atenção, a dificuldade de selecção da informação, o pouco tempo para a tratar transformando-a em formação, para o saber racional, fazem com que tenha uma importância crescente a conceptualização, a concatenação lógica dos conceitos, a teorização. É certo que estas duas vertentes são conciliáveis desde que as estruturas sociais se adequem a tal, mas o recurso escasso «tempo», cada vez mais escasso no ensino/aprendizagem e na investigação, constitui uma dificuldade.

Por um lado a facilidade de comunicação poderia levar a uma centralização da informação, a uma rede fina e hierarquizada de bibliotecas a nível mundial. Em última análise, considerando os custos de comunicação nulos, uma única biblioteca poderia servir para todos os utilizadores. Por outro a pretensa liberdade individual do utilizador e investigador, o exarcebamento dos nacionalismos, a importância crescente do regional e

do local apontam para a tendência contrária. Também a diversidade de interesses, a especialização disciplinar reforçam as hipóteses desta descentralização. Assumir as bibliotecas como empresas poderia funcionar automaticamente como processo de descentralização, até certos limites, mas não é essa, muito provavelmente, a melhor forma de garantir a identidade cultural das regiões e dos povos, de garantir um combate às carências culturais, de manter a liberdade de criação intelectual.

**Por um lado a facilidade de comunicação poderia levar a uma centralização da informação, a uma rede fina e hierarquizada de bibliotecas a nível mundial. Em última análise, considerando os custos de comunicação nulos, uma única biblioteca poderia servir para todos os utilizadores. Por outro a pretensa liberdade individual do utilizador e investigador, o exarcebamento dos nacionalismos, a importância crescente do regional e do local apontam para a tendência contrária.**

Por um lado é possível informatizar completamente as bibliotecas e garantir aos utilizadores um serviço totalmente diferente. Por outro, aquelas são uma parte ínfima da realidade: os utilizadores de bibliotecas são uma minoria, o anal-

fabetismo ainda existe, a fome é uma realidade maldita do nosso globo.

### **Bibliotecas universitárias**

Enfim, não é possível encontrar tendências inequívocas de evolução futura. O determinismo social é caótico.

Qualquer visão construtora de uma utopia de biblioteca universitária ideal é duplamente marcada para a caducidade: a subjectividade da criação, profundamente marcada pelo saber disciplinar do criador, e a mutabilidade do contexto tecnológico e social em que se processa. É na recriação sistemática da utopia, assente no levantamento das potencialidades e estrangulamentos actuais e dos recursos sociais, económico-financeiros e políticos, que poderemos ir encontrando o fio condutor da adaptação das bibliotecas universitárias ao mundo desenvolvido contemporâneo.

Que algumas das pistas contraditórias anteriormente referidas sirvam de referência.

Inequívoco é o longo caminho a percorrer, inequívoco é o aumento exponencial da informação disponível e a velocidade de acesso a ela. Inequívoca também a necessidade de grandes transformações na forma de ensinar e aprender, na orientação e metodologia de investigação.

### **Informação e investigação**

Já vão longe os tempos em que a posse de determinada informação estatística, de difícil acesso ou que exigia laboriosos trabalhos de recolha e compilação, ou o conhecimento de um trabalho estrangeiro pouco divulgado constituía um importante elemento de diferenciação do labor de investigação de um dado economista. Também vão longe os tempos em que o acesso a um computador e alguns conhecimentos de programação permitiam ter uma enorme vantagem.

**Sem dúvida que o «mercado» da informação e do tratamento informático está ainda longe de ser transparente, existem fortes desigualdades geográficas e disciplinares, todo este procedimento é acompanhado de uma crescente influência da língua inglesa e do saber americano.**

Há dezassete anos dessazonarizar uma longa série de dados mensais sobre o comportamento da economia ou exigia algumas semanas de trabalho ou o recurso, dispendioso, a um grande computador. Passados dois ou três anos já se conseguia fazer o mesmo trabalho com uma máquina de calcular programável conseguindo resolver a questão, quase sem custos, numa semana. Hoje centenas de programas a traba-

lhar em microcomputador dão a solução em poucos segundos.

Hoje a informação é cada vez mais abundante, a possibilidade de dispor dela mais eficaz e rápida ao mesmo tempo que se vulgarizam os procedimentos matemáticos, estatísticos e econométricos.

Sem dúvida que o «mercado» da informação e do tratamento informático está ainda longe de ser transparente, existem fortes desigualdades geográficas e disciplinares, todo este procedimento é acompanhado de uma crescente influência da língua inglesa e do saber americano, impondo o seu imperialismo cultural na investigação científica. Contudo todos estes problemas não invalidam as tendências anteriormente afirmadas.

Se esta evolução marca a aprendizagem e a investigação em muitas áreas do saber, em Economia Política três factores adicionais dão-lhe matizes especiais:

- 1) com a hegemonia da informação de origem americana há uma automática promoção de certos paradigmas e modelos parciais;
- 2) as resistências à mudança são particularmente fortes: os «colégios invisíveis» e as tradições e poderes universitários assumem uma importância particularmente grande;
- 3) Existe uma forte conflitualidade conceptual.

Por todas estas razões seria veleidade pretendermos traçar hipóteses de evolução futura ou estabelecer um conjunto de normas para a arte de bem investigar. Assumam-se as referências seguintes como meras opiniões pessoais.

A generalização da informação e a escassez do tempo tenderá a reforçar a importância da selecção, da concatenação entre informações e noções.

**Existe uma relação dialéctica entre conteúdo e organização das bibliotecas universitárias e ensino e investigação superior. Poderá existir uma tendência para as mudanças universitárias marcarem, exigirem, as mudanças naquelas, mas o inverso também pode acontecer.**

Para que esse processo se manifeste satisfatoriamente assume uma crescente importância o completo domínio, das metodologias de estudo e investigação, moldadas numa adequada reflexão epistemológica.

Simultaneamente, a banalização da informação e das operações de tratamento tendem a criar duas hipóteses alternativas de rumo. Um deles consiste na reanálise e sofisticação dos tratamentos matemáticos e informáticos. A outro no reforço da teoria.

Na medida em que os métodos estatísticos e econométricos estão

hoje ao alcance de qualquer aprendiz de economista com um simples carregar de tecla, as hipóteses do investigador, as possibilidades de quem está a desenvolver um trabalho científico novo, passam ou pela sofisticação dos modelos ou pela aplicação criteriosa e crítica dos métodos banalizados (por vezes mais válidos que outros modelos formalmente mais sofisticados, e que raramente são bem utilizados) ou, ainda, pelo reforço da teorização.

Em qualquer uma das circunstâncias os economistas têm muito a aprender com certas vertentes das teorias da relatividade e quântica da física, sobretudo na relativização e relacionamento dos conceitos de temporalidade e espacialidade económico-social. Também muito há a fazer na aplicação da inteligência artificial à Economia Política, enquanto percurso de estudo do comportamento do homem e enquanto conjunto de técnicas utilizáveis. Finalmente, e sem esgotar as hipóteses, as teorias do caos abrem novos horizontes à Economia Política, ciência onde os fenómenos sempre apresentaram fortes interações e retroacção, influências recíprocas com o meio, sensibilidade às condições iniciais, ciência que estuda uma realidade em que a ordem é n-dimensional.

Com a exploração destes novos percursos, com o repensar dos paradigmas actuais e com a interdisciplinaridade existem condições crescen-

tes para rasgar rumos nunca antes explorados na compreensão da realidade económica e social, para estabelecer pontes entre os aspectos positivos das diversas correntes do pensamento económico actuais.

### **Novas investigações, velhos paradigmas**

A hegemonia intelectual e sociológica do paradigma neoclássico é uma candeia inconsciente de orientação de muitos economistas e, por isso, está na base de muitos trabalhos, alguns de valia. Simultaneamente constitui um obstáculo para a reanálise conceptual profunda, para uma revolução teórica, para um lançamento de pontes entre as diferentes leituras possíveis da realidade económico-social. É-o pela hegemonia que possui, e pretende manter, e pela lógica que inconscientemente introduz em estudiosos destas temáticas.

A consciência possível dos investigadores que inconscientemente aceitam os pressupostos do paradigma dominante faz com que exista toda uma rica e importante informação sobre a realidade económico-social que seja posta de lado, moldada, filtrada. Confrontados com os desajustamentos entre a realidade social e o conteúdo das suas teorias seguem, quase sempre, caminhos parcelares: considerar que a realidade está «errada» (é passageira, perversa,

anormal) ou mal lida (problemas de descodificação de conceitos ou de informação estatística). Outras vezes, numa perspectiva diferente, procuram enxertar essas novas realidades nas velhas teorias com deformação de leitura do social ou com revisão, não reanalisada, dos axiomas básicos dessas teorias.

O mais grave é essa hegemonia impedir a exploração de novas metodologias, dificultar trilhar os caminhos da «loucura intelectual».

A relativização da espacialidade e da temporalidade, a sua indissociabilidade às variáveis que as geram unifica, num contexto diferente, especialidades da Economia Política excessivamente separadas. Os modelos do caos são inconciliáveis com o *ceteris paribus* e certas vertentes da análise marginalista. A interdisciplinaridade desafia o solipsismo racional do «homem económico».

O anarquismo metodológico poderá não satisfazer as exigências de uma conceptualização coerente mas terá a vantagem de estilhaçar as ideias excessivamente assentes e estar de acordo com a difusão da informação.

### Conclusão

As bibliotecas universitárias têm sofrido significativas transformações

e nos próximos anos deixarão de ter alguma coisa a ver com conventos descritos em *O Nome de Rosa*.

Existe uma relação dialéctica entre conteúdo e organização das bibliotecas universitárias e ensino e investigação superior. Poderá existir uma tendência para as mudanças universitárias marcarem, exigirem, as mudanças naquelas, mas o inverso também pode acontecer. Provavelmente seria bom que acontecesse, constituindo processo acelerador dos novos rumos da investigação.

A informação banalizar-se-á.

A inércia intelectual poderá restringir a plena utilização destas novas potencialidades mas o ensino da Economia Política e a investigação assumirá, mais ou menos paulatinamente, novos rumos.

Os métodos de investigação e a consciência sobre o saber epistemológico são uma crescente salvaguarda nos contextos de tão acelerada mudança.

A matematização complexiza-se mas vai perdendo a marca exclusiva da cientificidade. A teorização assumirá nova importância. A interdisciplinaridade reforçar-se-á. As sociedades e os homens serão estudados como modelos complexos.

Tudo isto é utopia realista ou sonho analgésico?

A resposta existirá.